

Sou um felizardo – sou órfão*

**Scholem Aleihem

Desde que cheguei ao meu juízo, não me lembro de nenhum momento em que eu me tenha sentido tão importante quanto agora. Por que toda essa minha importância? É que meu pai, Peissi, o *hazan*, morreu no primeiro dia de *Schavuot*, e eu fiquei órfão. No primeiro dia depois de Pentecostes, começamos a rezar o *cadisch*, eu e meu irmão Elihu. Foi ele quem me ensinou a dizer a oração pelos mortos.

Meu irmão Elihu é um irmão delicado, porém um mau professor. É irritadiço, bate na gente. Ele abriu o Sidur, sentou-se ao meu lado e começou a me ensinar: - "*Isgadal veiskadasch schmei rabô*", "Glorificado e santificado seja o grande Nome..." – Meu irmão acha que devo aprender tudo no mesmo instante, de cor e salteado. E repete comigo a oração, torna a repetir mais uma e mais outra vez, do começo até o fim, depois manda que eu diga sozinho. Eu digo, mas a coisa não vai.

O início ainda passa, mas quando chega ao meio eu me engasgo. Meu irmão me dá uma cotovelada e diz que estou, parece, com a cabeça lá fora (como se tivesse adivinhado) ou em outra parte, com o nosso bezerrinho (como se lá se encontrasse)... Ele não desanima e volta a repetir comigo a texto. Mal conseguiu alcançar o "*Leila veleila...*"; [1] mais do que isso, porém, nem um passo! Aí Elihu me pega pela orelha e diz que, se meu pai se levantasse do tumulo e visse o filho que tem...

– Eu não precisaria estar dizendo *cadisch*... Retruco ao meu irmão e recebo de sua mão esquerda uma gostosa bofetada na face direita. Ouvindo o barulho, minha mãe entra correndo e ordena-lhe que não me bata, porque sou órfão.

– Deus do céu! O que é que você está fazendo? Em quem é que você está batendo? Esqueceu que esta criança é órfã?!

Dormir, eu durmo com mamãe, na cama onde papai dormia, o único pedaço de cama existente em casa. O cobertor, ela, me dá quase todo para mim.

– Cubra-se - diz mamãe - e veja se dorme, meu pobre filhinho. Comida não tenho para lhe dar...

Eu me enrolo no cobertor, mas não consigo dormir. Fico repetindo o *cadisch*, quero decorá-lo. No *heder* não vou, estudar não estudo, rezar não rezo, cantar também não canto. Estou livre de tudo. Sou um felizardo - sou órfão!

Parabéns! Já sei o *cadisch* de cor. Sei tudo, completo. Lá na sinagoga, subo num banco e ligo o *cadisch*, como um demônio. Voz bonita também tenho, herança de meu pai. É soprano de verdade. A garotada fica a minha volta, sente inveja. As mulheres choram. Um ou outro senhor me dá um copeque. Henich, o filho de Iossi, o ricaço (que é terrivelmente invejoso), quando chega a hora de entoar a prece, mostra-me uma língua de palma e meio. Deseja, está ansioso, morre de vontade, que eu caia na gargalhada. Só por desaforo, não solto uma risadinha sequer! Um dia, Aron, o bedel, percebeu a história, pegou-o pela orelha e o conduziu até a porta. Bem feito!

Uma vez que devo recitar o *cadisch* de manhã e à noite, não frequento mais as aulas de Hersch-Ber, o cantor, e não preciso mais carregar *Dobtzie*. Estou livre! Passo o dia inteiro à beira do rio, pescando ou nadando. Aprendi sozinho a pescar. Se quiserem, posso ensinar-lhes. O negócio é assim: a gente tira a camisa, dá um nó nas duas mangas e entra na água devagarzinho, até que ela bata na altura do pescoço. Deve-se ter ciência, esperar um tempão. Quando a gente percebe que a camisa está ficando pesada, é sinal de que está cheia. Então, é preciso sair o mais depressa possível. Uma vez fora, sacode-se a lama com o capim e observa-se com atenção. No capim encontram-se muitas vezes umas

rãzinhas, que a gente atira de volta à água, pois é uma pena martirizar os pobres animaizinhos. Na lama grossa, podem-se achar sanguessugas. E sanguessugas são dinheiro. Por uma dezena, há quem pague até três *groschens*, um copeque e meio. Não é de jogar no lixo... Peixes não adianta procurar. Antigamente havia peixes também, mas agora nem sinal. Mas não morro por isso. Dou-me por satisfeito em encontrar pelo menos sanguessugas. Este verão não apanhei nenhuma! Como foi que meu irmão Elihu veio a saber que eu costumo pescar isto eu não sei. Quase me arrancou uma orelha por causa dos peixes. Sorte que Pessi, a Gorda, nossa vizinha, viu a coisa. A mãe da gente não precisa defender assim o seu filho.

– Isto lá é jeito de bater num órfão?...

Meu irmão Elihu ficou passado de vergonha e soltou minha orelha. Todo mundo procura proteger-me. Sou um felizardo - sou órfão!

Nossa vizinha, Pessi, a Gorda, apaixonou-se por mim. Amola mamãe, feito uma sarna, para que eu fique por enquanto em casa dela, isto é, de Pessi.

– Que mal lhe faz? - argumenta ela. - Já tenho doze à mesa, mais um serão apenas treze...

– Mamãe já ia consentindo, mas o meu irmão Elihu se meteu e foi contra: - Quem é que vai tomar conta dele, para que vá dizer o *cadisch*?

–Eu vou cuidar disso. E agora? Tem alguma coisa a mais?

Pessi não é rica. O marido é encadernador e chama-se Moische. É conhecido como um mestre em seu ofício. Mas só isso não basta. É necessário ter sorte também. É o que Pessi diz a minha mãe. Mamãe concorda. Na má sorte, julga ela, também é preciso de sorte. Como exemplo, aponta para mim. Aqui estou eu, um órfão, e todos me querem. Há mesmo quem deseje ficar comigo para sempre, mas vivam os nossos inimigos tanto tempo quanto ela pretende me entregar para sempre! É o que diz mamãe e cai no choro. Depois delibera com o meu irmão: - O que é que você acha? Vamos deixá-lo por ora com Pessi?

Meu irmão já é grande. Senão, minha mãe não se aconselharia com ele. Elihu acaricia o rosto ainda liso, imberbe, como se já tivesse barba, e fala como um adulto: - Deixe-o ir, contanto que não vire *scheiguetz*, um moleque. E fica resolvido que irei morar por uns tempos em casa de Pessi, desde que eu não vire *scheiguetz*. Tudo para eles é ser *scheiguetz*! Amarrar um papel no rabo do gato e fazê-lo girar em volta de si mesmo, é ser *scheiguetz*. Bater com um pau na cerca da casa do vigário, para que todos os cães venham correndo, é ser *scheiguetz*. Tirar a rolha do barril de Leibke, o aguadeiro, de modo que escorra mais da metade da água, é ser um *scheiguetz*, na opinião deles.

– Você tem sorte de ser órfão! - grita Leibke, o aguadeiro. - Do contrário, eu arrebatava seus ossos todos! Você pode acreditar no que digo!

Eu acredito. Sei que agora ele não porá a mão em mim por que sou órfão. Que felizardo sou eu! Sou órfão! Nossa vizinha Pessi que me desculpe, mas ela contou uma grande mentira. Disse que tinha doze à mesa. Pelas minhas contas, sou o décimo quarto. Deve ter esquecido de contar o Tio Boruch, o cego. E talvez não o tenha incluído entre os comensais, porque ele já é muito velho e não tem mais dentes para mastigar. Não vou teimar. Mastigar o homem já não consegue, mas por isso mesmo engole como um ganso, e avança em tudo o que pode. Lá, todos eles avançam. Eu também avanço. Por isso me dão pontapés debaixo da mesa. Quem bate mais de todos é Vaschti. Vaschti é um diabo. Seu nome verdadeiro é Herschel, mas por ter um galo na testa, apelidaram-no de Vaschti. Todos aqui possuem nome e apelido.

E não se aflijam, cada apelido tem a sua razão. Pinie é chamado Pipa, porque é gorducho e baixote. Velvel é bem moreno, por isso o denominam "Koter", Gatão. Haim e bravo e briguento, daí o apelido de Búfalo. Mendel tem um nariz pontudo, é o Narigudo. Feitel não sabe falar, é um "Petelele". Berel é muito glutão; quando lhe dão uma fatia de pão com gordura de galinha derretida, grita sempre: "Quero mais!" Zoracha recebeu o apelido de "Passa-manteiga" por causa de um feio defeito pelo qual ele não e culpado. Culpada talvez seja a mãe que o largou assim e não o repreendeu suficientemente. E talvez não seja também culpada? Não vou me por a teimar. E muito menos a brigar! Em suma, é uma casa onde cada qual tem um apelido. O que é que vocês querem mais? A gata, uma língua inteiramente muda, uma alma que só deve a Deus, é chamada por eles "Feigue-Lea, a *gábeta*". Sabem por quê? Porque é gorda e Feigue-Lea, a mulher do *gabai*, também é gorda. Vocês bem podem imaginar quantos tabefes já levaram por causa dessa história de botar num gato nome de gente. Mas é como bater na parede! Quando colam um apelido em alguém, não há quem tire!

Eu também recebi o meu. Adivinhem qual é... "Motel com-os-beiços". Parece que não gostaram muito de meus beiços. Dizem que quando eu como costumo mexer muito os lábios. Gostaria de conhecer uma pessoa que comesse sem mexer os lábios! Não sou desses não-me-toques, que se ofendem por qualquer palha. Mas não sei por que - não gostei nada do apelido! E só porque ele não me agrada, ficam me provocando e me chamando assim o dia inteiro. São uns bichos maldosos, como vocês ainda não viram iguais! Primeiro eu era "Motel com os beiços"; depois, apenas: "Com-os-beiços"; mais tarde: "os-beiços"; e agora: "Beiços".

– Beiços! Onde e que você esteve?

– Beiços! Limpe o nariz!

Isso me aborrece, fico magoado e começo a chorar. Vendo-me em tal estado, o pai deles, o marido de Pessi, Moische, o encadernador, pergunta: - Por que está chorando?

Respondo-lhe: - Como não hei de chorar se o meu nome é Motel e eles me chamam de "Beiços!"

Aí, ele indaga: Quem? E eu digo: Vaschti. Ele quer dar uma surra em Vaschti, mas este declara: "Não fui eu, foi Pipa". Pipa diz que foi Búfalo. E assim um vai acusando o outro, o outro alega que é um terceiro, é uma história sem fim! Por fim, o pai deles, Moische, o encadernador, toma uma decisão e deita todos, um por um, aplicando-lhes uma boa sova com a capa de um livro de rezas, o das "Oblações", ao mesmo tempo em que lhes diz: - Seus bastardos! Vou ensinar-lhes a zombar de um órfão! Que o diabo carregue a vocês e aos seus antepassados!

É assim. Todo mundo toma a minha defesa. Todos me protegem.

Sou um felizardo - sou órfão!

****Scholem Aleihem** pseudônimo de Scholem Ravinovitch, nasceu na Ucrânia, em 1859, e morreu em Nova Iorque, em 1916.

*A *Arquivo Maaravi* agradece, de forma muito especial, à Editora Perspectiva pela generosidade de permitir a publicação deste conto que, no Brasil, saiu, em *A paz seja convosco*, em 1966, com tradução de Jacó Guinsburg.

Nota

[1] "Alto e mais alto...".

Referência

ALEIHEM, Scholem. *A paz seja convosco*. Tradução, seleção e notas de Jacó Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1966, p. 423-427.